



RUSSO-SPENA, T.; TREGUA, M.; BIFULCO, F. **Searching through the jungle of innovation conceptualisations: System, network and ecosystem perspectives** *Journal of Service Theory and Practice*, 2017.

SMORODINSKAYA, N; RUSSEL, M.; KATUKOV, D.; STILL, K. Innovation Ecosystems vs. Innovation Systems in Terms of Collaboration and Co-creation of Value. **Proceedings of the 50th Hawaii International Conference on System Sciences** (2017), p. 5245–5254, 2017.

SURIE, Gita. Creating the innovation ecosystem for renewable energy via social entrepreneurship: Insights from India. **Technological Forecasting and Social Change**, v. 121, p. 184–195, 2017.

VALKOKARI, Katri. Business, Innovation, and Knowledge Ecosystems: How They Differ and How to Survive and Thrive within Them. **Technology Innovation Management Review**, [s. l.], p. 17–24, 2015.

WORONOWICZ, Tanja et al. Towards a Regional Innovation Strategies Modelling. **Procedia Computer Science**, Universität Bremen, Bremen, 28359, Germany, v. 104, p. 227–234, 2017.



Educação Empreendedora Em Uma Universidade Empreendedora: Estudo De Caso Baseado Em Mapeamento De Disciplinas

André Borba Mondo ¹, Ágatha Depiné ², Gabriela Slompo Pereira ³, Rayse Kiane de Souza ⁴ e Clarissa Stefani Teixeira ⁵

RESUMO

O empreendedorismo é a um conceito-chave para a sociedade do século XXI. Neste contexto, iniciou-se o movimento que busca educar os estudantes, de maneira a formar um capital humano apto a atuar nesta nova sociedade. Assim, algumas universidades têm se preocupado em fornecer uma educação empreendedora (EE) ao seu corpo discente. Dentre elas, tem-se a universidade empreendedora, que dentre suas características, está o desenvolvimento da cultura empreendedora dentro da sua comunidade. Assim, busca-se investigar quais são as disciplinas ofertadas no EE em seus diferentes centros e níveis de formação (graduação e pós-graduação), em uma universidade do sul do Brasil. Ainda, propõe-se um enquadramento das disciplinas encontradas de acordo com seu conhecimento de base ou formação de competências. Para tanto, realizou-se um estudo de caso descritivo, nesta universidade, considerada uma universidade empreendedora. Como resultado, identificou-se 101 disciplinas, sendo 38 de graduação e 63 de pós-graduação. Estas são ofertadas em 34 cursos diferentes, dos quais 20 são de graduação e 14 de pós-graduação. Estes cursos estão sediados em oito dos 11 centros de ensino da universidade. Isso demonstra que a instituição estudada busca promover a cultura empreendedora na sua comunidade acadêmica, caracterizando-se como uma potencial futura universidade empreendedora. Como limitação deste estudo tem-se o fato de considerar apenas os ambientes formais de ensino. Espera-se com isso, salientar a importância da EE em formar pessoas aptas a atuarem efetivamente em uma sociedade voltada ao empreendedorismo.

Palavras-chave: educação empreendedora; universidade; universidade empreendedora; empreendedorismo; perfil empreendedor.

¹ Graduando em Engenharia de Materiais, Universidade Federal de Santa Catarina, R. Eng. Agrônomo Andrei Cristian Ferreira - Trindade, Florianópolis - SC, Brasil, 88040-900, (48) 37212450, andrebrmondo@gmail.com.

² Doutoranda em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Universidade Federal de Santa Catarina, R. Eng. Agrônomo Andrei Cristian Ferreira, Trindade, Florianópolis - SC, Brasil, 88040-900, (48) 37212450, agathadepine@gmail.com.

³ Graduanda em Engenharia de Materiais, Universidade Federal de Santa Catarina, R. Eng. Agrônomo Andrei Cristian Ferreira - Trindade, Florianópolis - SC, Brasil, 88040-900, (48) 37212450, gabislompo.p@gmail.com.

⁴ Doutoranda em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Universidade Federal de Santa Catarina, R. Eng. Agrônomo Andrei Cristian Ferreira, Trindade, Florianópolis - SC, Brasil, 88040-900, (48) 37212450, raysekiane@gmail.com.

⁵ Doutora em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, R. Eng. Agrônomo Andrei Cristian Ferreira, Trindade, Florianópolis - SC, Brasil, 88040-900, (48) 37212450, clastefani@gmail.com.



ENTREPRENEURIAL EDUCATION IN AN ENTREPRENEURIAL UNIVERSITY: CASE STUDY BASED ON MAPPING DISCIPLINES

André Borba Mondo¹, Ágatha Depiné², Gabriela Slompo Pereira³, Rayse Kiane de Souza⁴ e Clarissa Stefani Teixeira⁵

ABSTRACT

Entrepreneurship is a key concept for 21st century society. In this context, the movement began to educate students in order to form a human capital capable of acting in this new society. Thus, some universities have been concerned with providing an entrepreneurial education (EE) to their student body. Among them, there is the entrepreneurial university, which among its characteristics, is the development of the entrepreneurial culture within its community. Thus, we seek to investigate the disciplines offered in the EE in their different centers and levels of formation (undergraduate and graduate), in a university in the south of Brazil. Also, it is proposed a framework of the disciplines found according to their basic knowledge or skills training. For that, a descriptive case study was carried out at this university, considered an entrepreneurial university. As a result, 101 subjects were identified, being 38 undergraduate and 63 graduate. These are offered in 34 different courses, two of which 20 are undergraduate and 14 are graduate. These courses are based in eight of the university's 11 teaching centers. This demonstrates that the institution studied seeks to promote the entrepreneurial culture in its academic community, characterizing itself as a potential future entrepreneurial university. As a limitation of this study is the fact of considering only the formal educational environments. It is hoped, therefore, to emphasize the importance of EE in training people capable of acting effectively in an entrepreneurial society.

Keywords: *entrepreneurial education; university; entrepreneurial university; entrepreneurship; entrepreneurial profile.*

¹ Graduate in Materials Engineering, Federal University of Santa Catarina, R. Agrônomo Andrei Cristian Ferreira - Trindade, Florianópolis - SC, Brazil, 88040-900, (48) 37212450, andrebmondo@gmail.com.

² PhD student in Engineering and Knowledge Management, Federal University of Santa Catarina, R. Agrônomo Andrei Cristian Ferreira, Trindade, Florianópolis - SC, Brazil, 88040-900, (48) 37212450, agathadepine@gmail.com.

³ Graduated in Materials Engineering, Federal University of Santa Catarina, R. Agrônomo Andrei Cristian Ferreira - Trindade, Florianópolis - SC, Brazil, 88040-900, (48) 37212450, gabislompo.p@gmail.com.

⁴ PhD student in Engineering and Knowledge Management, Federal University of Santa Catarina, R. Agrônomo Andrei Cristian Ferreira, Trindade, Florianópolis - SC, Brazil, 88040-900, (48) 37212450, raysekiane@gmail.com.

⁵ PhD in Production Engineering, Federal University of Santa Catarina, R. Agrônomo Andrei Cristian Ferreira, Trindade, Florianópolis - SC, Brazil, 88040-900, (48) 37212450, clastefani@gmail.com.



INTRODUÇÃO

O empreendedorismo é uma competência cada vez mais necessária no cenário contemporâneo, seja nos negócios, na academia ou na sociedade civil. O indivíduo empreendedor é considerado o principal propulsor de inovação, caracterizando-se basicamente como um indivíduo com um conjunto de habilidades para transformar ideias em ações, projetos, produtos ou serviços. Empreendedores impactam não apenas a economia e o capital, mas também podem transformar o modo como as pessoas vivem, se relacionam e trabalham.

Dessa forma, considerando o empreendedorismo como uma competência que pode ser desenvolvida, portanto ensinada, destaca-se a educação empreendedora como um importante meio para o surgimento de empreendedores em diferentes camadas sociais. Barnard, Pittz e Vanevenhoven (2019), demonstram que nas últimas três décadas, apenas nos Estados Unidos o número de programas voltados à educação empreendedora em universidades cresceu substancialmente: enquanto no início dos anos 80 aproximadamente 300 escolas de negócios tinham programas de empreendedorismo, com a entrada dos anos 2000 esse número ultrapassou 1600 universidades, acompanhando coerentemente o aumento de interesse pela área e pela aquisição das competências por ela abrangidas.

Esse movimento pode também justificar o processo de desenvolvimento das universidades em direção ao modelo empreendedor, buscando fornecer uma estrutura e agenda estratégica para esta área e provocando o surgimento das universidades empreendedoras (FORMICA, 2002; ETZKOWITZ, 2003a). Estas possuem comprovadas contribuições para o aumento do dinamismo econômico das regiões em que se localizam, tanto pelo fortalecimento da ciência e pesquisa, gerando transferência e comercialização de conhecimento, quanto pelo desenvolvimento e atração de talentos para o local (BRAMWELL; WOLFE, 2008). Wakkee et al. (2019) também alertam para o potencial das universidades empreendedoras como agentes de mudança local para além da economia, envolvendo outros aspectos de necessidade regional, como a sustentabilidade, e sua importância em países em desenvolvimento.

Sob estes prismas, este estudo objetiva identificar em uma universidade do sul do Brasil, considerada uma universidade empreendedora, quais são as disciplinas ofertadas para educação empreendedora (EE) em seus diferentes centros e níveis de formação (graduação e pós-graduação) e em quais dos enquadramentos se encontram: conhecimento de base ou



formação de competências. Para isso, na sequência é exposto o conceito de educação empreendedora, seguido do de universidade empreendedora. Na quarta seção, são abordados os procedimentos metodológicos utilizados neste estudo de caso descritivo. Nele, também é apresentada, brevemente, a instituição pesquisada e as categorias utilizadas para agrupar as disciplinas. A quinta seção deste trabalho traz os resultados da pesquisa, seguidos da sua discussão. Ao final são feitas as considerações finais do estudo, citando suas limitações.

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA

Empreendedorismo

Segundo Borges Junior, Andreassi e Nassif (2017), não há um único tipo de empreendedorismo ou conceito comum. Mesmo as pesquisas científicas na área de empreendedorismo enfrentam o desafio de chegar a uma definição consensual. Esta não somente inclui a compreensão do que é o indivíduo empreendedor e suas características, mas também deve considerar a presença de oportunidades para empreender. Assim, a simples definição do indivíduo empreendedor como pessoa que estabelece uma nova organização demonstra esta dificuldade (SHANE; VENKATARAMAN, 2000).

Desta forma, Gedik, Miman e Kesici (2015) afirmam que as inúmeras definições de empreendedorismo encontradas na literatura convergem para um mesmo ponto comum, onde o empreendedorismo é compreendido como o processo de criação de um negócio e o empreendedor assume todos os riscos, propõe ou desenvolve algo. Já Eckhardt e Shane (2003) definem empreendedorismo como a descoberta, avaliação e exploração de bens e serviços futuros. A definição apresentada por Tavares, Moura e Alvez (2013) também compartilha desta concepção onde o empreendedorismo é caracterizado como a atividade de um indivíduo inovador que percebe oportunidades no mercado e lança um novo negócio, produto ou serviço. Assim, compreende-se que a essência do empreendedorismo é a ideia de transformação ou algo que rompa a lógica natural (ALMEIDA; VALANDARES; SEDIYAMA, 2017).

Educação empreendedora

O futuro de uma pessoa pode ser moldado pelas atitudes e interesses apresentados por ela quando jovem (GELDHOF et al, 2014). Nesse sentido, o estudo do empreendedorismo tem sido explorado como conteúdo em alguns contextos já no nível de escola primária, expondo os alunos ao tema em idades muito jovens (DIN; ANUAR; USMAN, 2016). Em



nível secundário, a educação pode cobrir os passos básicos para iniciar e entrar no mundo dos empreendedores, além de discutir seu papel na sociedade (TAVARES; MOURA; ALVEZ, 2013).

No campo de pesquisa da educação empreendedora (EE) existem três pontos de vista dominantes. A área empresarial, a qual busca-se desenvolver as competências e habilidades necessárias à criação e gestão de negócios (HITTY, 2002). O conhecimento de base, que é disseminando entre os estudantes o entendimento das características de um empreendedor e qual o seu papel (JONES, 2007). E a formação de empreendedores, ocorrendo por meio do desenvolvimento das competências essenciais comuns a todas as linhas de estudo, incluindo as empresariais (HITTY, 2002).

A educação empreendedora, então, está relacionada com a orientação para a tomada de decisões, contribuindo para a estruturação do projeto de vida (TAVARES; MOURA; ALVEZ, 2013). Os autores defendem, também, que essa educação está relacionada com o desenvolvimento de habilidades e competências, fortalecendo a liberdade do jovem para decidir qual o caminho que seguirá.

Educação empreendedora no ambiente acadêmico

Landström e Harirchi (2018) afirmam que o desenvolvimento de pesquisas acadêmicas e o crescimento da literatura sobre educação empreendedora reflete o fato que o empreendedorismo é ensinado em universidades de todo o mundo. Segundo os autores, o empreendedorismo atraiu estudiosos de diferentes disciplinas e tornou-se um campo altamente multidisciplinar e disseminado. Para Gergmann et al. (2018), graduandos que participam de cursos com foco em empreendedorismo são mais propensos a se engajarem em atividades desse meio e desenvolverem ideias para novos negócios. Lumpkin e Dess (1996) e Gergmann et al. (2018) afirmam que as universidades podem ter uma orientação empreendedora e acrescentar medidas para estimular o pensamento empreendedor.

Um dos principais objetivos do aluno ao ingressar em um curso de empreendedorismo é ganhar experiência em trabalho interdisciplinar. Trabalhando a interdisciplinaridade a instituição de ensino superior incentiva os alunos a aprenderem e trabalharem com pessoas de diferentes origens e orientações, permitindo a avaliação de oportunidades sob diferentes perspectivas (SHIH; HUANG, 2017). Assim, estudantes percebem o apoio educacional e de desenvolvimento dos conceitos de empreendedorismo de suas universidades como altamente influentes em suas ações empreendedoras (BASÇI; ALKAN, 2015).



UNIVERSIDADES EMPREENDEDORAS

A universidade tornou-se global, tecnológica, inovadora e competitiva, provocando sua transformação: de instituição tradicionalmente voltada apenas ao ensino e pesquisa à uma instituição também focada na colaboração com partes externas interessadas, a chamada universidade empreendedora (FERNÁNDEZ-NOGUEIRA et al., 2018). Gibb e Hannon (2006), consideram que universidades são empreendedoras quando não têm medo de maximizar o potencial de comercialização de suas ideias e pesquisas e assim criar valor na sociedade, não vendo isto como uma ameaça aos valores acadêmicos. Alinhado a isso, Etzkowitz (2003b) defende que a universidade para ser empreendedora precisa incorporar o desenvolvimento social e econômico como parte de sua missão.

Para Audy e Ferreira (2006) a universidade empreendedora pode ser compreendida em cinco dimensões:

1. Núcleo central forte, envolvendo uma administração coesa, focada no resultado e composta por especialistas e gerentes qualificados e professores que compõem o compromisso e estabilidade da base institucional. Favorecendo uma gestão descentralizada.
2. Cultura empreendedora integrada, com capacidade de trabalhar em níveis colegiados, focada no aprimoramento acadêmico e na busca de novas oportunidades, desenvolvendo habilidades de atuação multidisciplinar e valorizando o comportamento empreendedor.
3. Desenvolvimento de unidades periféricas multi / inter / transdisciplinares, descentralizadas e auto-sustentáveis, focadas na conexão com a sociedade, envolvendo ações de forte conexão com a comunidade, como transferência de tecnologia, parques científicos e tecnológicos, agências de gestão e inovação tecnológica, institutos de pesquisa aplicada, ancorados em modelos de gestão baseados na mudança e estimulando a criatividade e o empreendedorismo na comunidade acadêmica, longe do que é rígido e burocrático.
4. Motivar o núcleo acadêmico e com um perfil de assumir riscos, altamente proativo e empreendedor, assumindo a necessidade de atualizar permanentemente e buscar novas soluções para os problemas que se apresentam mesmo em um ambiente hostil.



5. Base financeira diversificada, que envolve, além das mensalidades, recursos públicos, agências financeiras, empresas e outras instituições da sociedade, além de serviços, licenças e contribuições tecnológicas.

Sob esta nova visão, a universidade precisa dar uma resposta às necessidades de uma economia baseada no conhecimento para preparar alunos com habilidades necessárias para um ambiente competitivo e desafiador (FERNÁNDEZ-NOGUEIRA et al., 2018). A universidade empreendedora foca na realização de atividades de ensino, pesquisa e empreendedorismo simultaneamente (ETZKOWITZ, 2004), abrangendo os estudantes de diferentes áreas do conhecimento e não apenas os matriculados em escolas de negócios (FERNÁNDEZ-NOGUEIRA et al., 2018). Quanto aos temas que deveriam ser abordados para o ensino do empreendedorismo nestas instituições, Kuratko (2005) apresenta dez linhas distintas: domínio empreendedor e gerencial, financiamento de risco, empreendedorismo corporativo, estratégias empreendedoras, tipos de empreendedores, riscos e compensações do empreendedorismo, mulheres e empresários minoritários, espírito empreendedor, contribuições dos empreendedores e ética no empreendedorismo.

No Brasil um dos principais rankings que avaliam a qualidade das universidades empreendedoras é organizado pela Confederação Brasileira de Empresas Juniores, instância que representa as empresas juniores brasileiras (BRASIL JUNIOR, 2019a). Para isto avaliam as instituições em três eixos: comunidade acadêmica, ecossistema favorável e desenvolvimento da sociedade. É dentro do eixo comunidade acadêmica que se encontra a base de ensino empreendedor, abrangendo a postura empreendedora dos docentes e discentes e, também, as disciplinas voltadas ao empreendedorismo (BRASIL JUNIOR, 2019b).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Classificação da pesquisa

Este estudo se caracteriza como uma pesquisa fundamental, observacional, qualitativa, exploratória e documental (FONTELLES; SIMÕES; FARIAS; FONTELLES, 2009). Fundamental, pois busca adquirir conhecimentos para o avanço da ciência. Observacional, pois os autores não realizam nenhuma intervenção no fenômeno ou fato, atuando apenas como expectadores. Qualitativa, pois descreve interpreta e compara dados sem considerar os aspectos numéricos relacionados. Exploratória, pois busca-se conhecer o tipo de relação entre



o ensino empreendedor e as disciplinas ofertadas pela universidade do sul do Brasil. Documental, pois a coleta de dados se deu por meio das ementas disponibilizadas em portal próprio da universidade.

Estudo de caso

Para a realização desta pesquisa realizou-se um estudo de caso único e holístico (YIN, 2002). Neste estudo de caso, identificou-se as disciplinas voltadas à educação empreendedora (holístico) oferecidas em uma universidade empreendedora do sul brasileiro (único). Como dito anteriormente, estes dados foram coletados de documentos disponibilizados em ambiente digital. A partir deles, foram identificadas as disciplinas de EE ofertadas. Em seguida, sob a luz dos achados na etapa de revisão, classificou as disciplinas encontradas. Esta classificação se deu considerando seis categorias que permeiam a EE: conhecimento, empreendedorismo, inovação, criatividade, negócios e gestão de projetos.

Universidade pesquisada

A universidade selecionada é pública e gratuita, dividida em quatro campi, totalizando uma população de aproximadamente 70 mil pessoas, considerando docentes, técnicos-administrativos e estudantes de pós-graduação, graduação, ensino médio, fundamental e básico.

Segundo o Ranking de Universidades Folha, na edição 2017, a instituição em questão figura entre as dez mais bem-conceituadas, considerando ensino, pesquisa, inovação, internacionalização e mercado (FOLHA DE S.PAULO, 2017). O mesmo resultado se repete ao considerar o Índice Geral de Cursos Avaliados da Instituição (IGC), divulgado pelo Ministério da Educação em 2017 (INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDO E PESQUISA EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA, 2015). Isto, a caracteriza como uma universidade de excelência, segundo os padrões adotados pelo Ministério da Educação (MEC).

Já, considerando o ranking *Best universities in South America 2019*, realizado pela *Times Higher Education's*, a instituição pesquisada ficou entre as 20 mais bem colocadas. Nos primeiros lugares aparecem universidade de ponta como a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Assim, demonstra-se que tal instituição possui um porte grande, com altos padrões de ensino.

No que a caracteriza como universidade empreendedora, destaca-se o Índice de Universidades Empreendedoras 2016 (BRASIL JÚNIOR, 2016), realizada pela Brasil Júnior, com apoio da Aiesec, Brasa, Enactus e RedeCsF. Observando este índice, a universidade estudada está entre as 20 mais empreendedoras do Brasil. Este estudo considera uma universidade empreendedora (UE) como uma “comunidade acadêmica inserida em um ecossistema favorável que desenvolve a sociedade por meio de práticas inovadoras” (BRASIL JÚNIOR, 2016). Assim, as universidades foram analisadas (Figura 1) por meio de cinco fatores apontados pelos universitários respondentes da pesquisa sobre o que mais influencia uma universidade a ser empreendedora. Os cinco fatores são: organizações estudantis pró-empresendedorismo, postura empreendedora do corpo docente e discente, infraestrutura, proximidade da instituição de ensino superior com empresas, e a formação empreendedora oferecida. Destes fatores, foram extraídos quatro eixos (cultura empreendedora, extensão, inovação, infraestrutura), aos quais foram somados mais dois (internacionalização, e capital financeiro). Os seis eixos foram utilizados de forma a ranquear as universidades quanto a sua característica empreendedoras. Assim sendo, os eixos indicados pelos respondentes foram atribuídos pesos dois, enquanto os outros dois receberam peso um (BRASIL JÚNIOR, 2016). Considerando o conceito de universidade empreendedora e os eixos avaliados, pode-se representá-los graficamente da seguinte forma (Figura 2):



Figura 1: Representação gráfica do processo de elaboração do ranking de universidades empreendedoras, realizado pela Brasil Júnior. Fonte: elaborado pelos autores (2019).

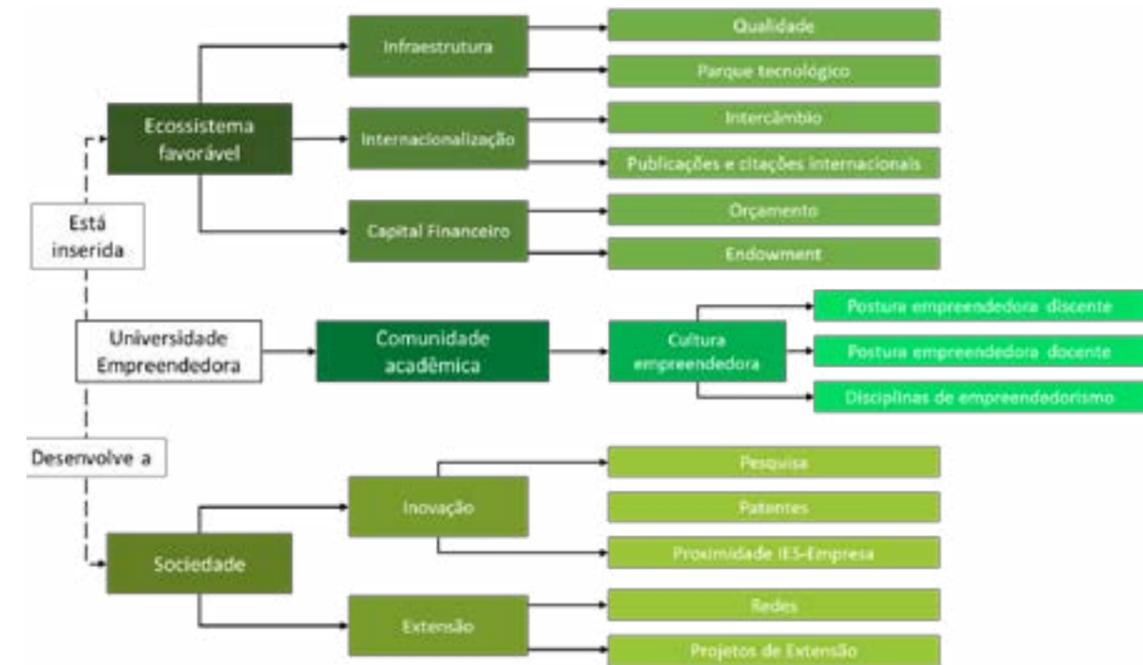


Figura 2: Gráfico que representa uma universidade empreendedora e seus seis eixos. Fonte: adaptado pelos autores de Brasil Júnior (2017).

Analisando a Figura 2, o estudo a que se refere este artigo avalia a universidade empreendedora voltada à comunidade acadêmica. Ainda, foca-se na cultura empreendedora da instituição, especificamente nas disciplinas que permeiam o empreendedorismo.

Categorização das disciplinas

Considerando os três pontos de vista dominantes na EE (HITTY, 2002; JONES, 2007), propõem-se uma categorização das disciplinas em seis grupos distintos. Primeiramente, refletindo a respeito da busca em desenvolver competências e habilidades necessárias à criação e gestão de negócios, propõem-se os grupos de negócios e gestão de projeto. O primeiro grupo, negócios, reúne as disciplinas que ensinam sobre como gerir um empreendimento, abordando competências e ferramentas necessárias para um negócio. E o segundo, gestão de projetos, foca nas disciplinas que versam sobre os métodos, ferramentas, competências, ensinamentos de forma geral, sobre a gerência de um projeto.

Da mesma forma, considerando a EE com a finalidade de ensinar as características de um empreendedor e qual o seu papel na sociedade, destacamos um terceiro grupo, denominado empreendedorismo. Neste grupo, estão reunidas as disciplinas voltadas à capacidade de identificar problemas e oportunidades investindo em recursos e competências o ato de empreender. Este ato pode estar relacionado a um negócio, projeto ou movimento que tenha como objetivo alavancar mudanças e gerar grande impacto.

Por fim, avaliando a EE que busca promover a formação de empreendedores por meio do desenvolvimento das competências essenciais, sugerimos a compilação das disciplinas em três grupos. Primeiramente, no grupo de conhecimento, que diz respeito as disciplinas que abordam os conceitos organizados por etapas, encadeamento de ideias, juízos e raciocínios. Para tanto, tais disciplinas fazem uso do desenvolvimento e aplicação de metodologias, modelos, técnicas e instrumentos no ciclo de atividades de um processo. Com isso, elas buscam capacitar o estudante a entender e organizar suas ideias e conhecimentos, potencializando as suas capacidades cognitivas. Posteriormente, sugerimos o grupo de inovação, visto que o conceito de empreendedorismo se relaciona intimamente com a inovação (TAVRARES; MOURA; ALVEZ, 2013). Assim, esta categoria congrega as disciplinas que abordam o desenvolvimento para o mercado de produtos, processos, métodos ou sistemas não existentes anteriormente, ou característica nova desenvolvida para produtos, processos e/ou serviços já existentes com repercussões socioeconômicas. Por último, sugere-se o grupo de disciplinas relacionadas a criatividade, pois tal habilidade incita a quebra de paradigmas e a geração de ideias novas (CAMPOS, 2012). Dessa forma, este grupo contém as disciplinas que de alguma forma buscam despertar ou desenvolver a habilidade da criatividade voltada ao empreendedorismo.

RESULTADOS

Foram identificadas 101 disciplinas, sendo 38 de graduação e 63 de pós-graduação, ofertadas em 34 cursos diferentes, dos quais 20 são de graduação e 14 de pós-graduação, considerando que haviam disciplinas ofertadas em mais de um curso. Em outras palavras, os cursos de graduação que oferecem disciplinas voltadas a educação empreendedora representam 23,5% da totalidade de graduações disponíveis no campus da universidade pesquisada. Este número é de 16,1% ao se analisar os cursos de pós-graduação concedidos.

Dessa forma, as disciplinas foram agrupadas sob a luz de seis categorias identificadas na etapa de revisão, sendo elas: conhecimento, empreendedorismo, inovação, negócios, criatividade e gestão de projetos. Destaca-se que algumas das disciplinas mapeadas foram incluídas em mais de uma das seis categorias citadas. Por exemplo, a disciplina EGC5027 Criatividade e Inovação, ofertada na graduação de Arquitetura e Urbanismo, foi inserida nas categorias de inovação e criatividade.

Considerando o exposto anteriormente, a categoria com maior ocorrência de disciplinas foi a de inovação, totalizando 37 disciplinas. O mesmo resultado se aplica quando se analisa somente o nível de pós-graduação, diferentemente do nível de graduação. Para os graduandos, as disciplinas foram agrupadas principalmente na categoria de conhecimento. Ainda a nível de graduação, o segundo lugar de categorias com maior incidência de disciplinas foi para empreendedorismo e inovação, com nove disciplinas cada. Estas foram seguidas pelas categorias de criatividade, gestão de projetos e negócios, cada uma das três com quatro disciplinas. Entretanto, duas disciplinas de graduação foram classificadas em mais de uma categoria. Realizando a mesma análise para o nível de pós-graduação, depois de inovação, as disciplinas recaíram principalmente na categoria de conhecimento, com 22 disciplinas. Esta, foi seguida das categorias de empreendedorismo e gestão de projetos, ambas com sete disciplinas cada. E por fim, com uma disciplina cada, ficaram as categorias de criatividade e negócios, conforme ilustra a Tabela 1.

Tabela 1 – Ocorrência estratificada por nível

<i>Categoria</i>	<i>Graduação</i>	<i>Pós-graduação</i>
Conhecimento	10	22
Empreendedorismo	9	7
Inovação	9	28
Negócios	4	1
Criatividade	4	1
Gestão de projetos	4	7

geral de disciplinas de formação.

Fonte: elaborado pelos autores (2019).

Analisando os cursos de ambos os níveis, graduação e pós-graduação, verificou-se que o curso que oferecia maior número de disciplinas nas categorias consideradas foi o curso de Engenharia e Gestão do Conhecimento (EGC), totalizando 28 disciplinas. Entretanto, tal curso é ofertado somente para o nível de pós-graduação (mestrado e doutorado). Então, ao analisar isoladamente o nível de graduação, o curso com mais ocorrência foi o curso de Administração, com nove disciplinas. Ainda considerando a graduação, Sistemas de informação foi o segundo curso com maior incidência de disciplinas nas categorias observadas. Em terceiro lugar, tem-se a Engenharia de Materiais, o Design e Biblioteconomia, cada um ofertando três disciplinas. Aqui, frisa-se o fato de algumas disciplinas serem ofertadas em mais de um curso, como é o caso da CIN7143 Empreendedorismo I, ofertada nos cursos de Arquivologia e Biblioteconomia.



Já, ao voltar os olhares exclusivamente ao nível de pós-graduação, tem-se o curso de Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para Inovação (PITTI) seguindo o de EGC. O curso de PITTI oferece 17 disciplinas dentro das categorias analisadas, sendo seguido pelos cursos de Engenharia e Ciências Mecânicas, Tecnologias da Informação e Comunicação e Ciência da Informação. Cada um destes três cursos oferta quatro disciplinas das categorias consideradas. Assim, a Tabela 2 ilustra as disciplinas oferecidas por cada um dos cursos de graduação e pós-graduação identificados na pesquisa.

Tabela 2 – Disciplinas oferecidas por cada um dos cursos de graduação identificados na pesquisa.

<i>Nível</i>	<i>Cursos</i>	<i>Disciplinas ofertadas</i>
Graduação	Administração	9
	Sistemas da informação	8
	Engenharia de materiais	3
	Design	3
	Biblioteconomia	3
	Secretariado executivo	2
	Arquitetura e urbanismo	2
	Engenharia química	2
	Arquivologia	2
	Ciências da computação	1
	Ciências contábeis	1
	Engenharia de aquicultura	1
	Engenharia de produção	1
	Animação	1
	Direito	1
	Zootecnia	1
	Engenharia de Alimentos	1
Filosofia	1	
Serviço social	1	
Engenharia de produção civil	1	
Pós-graduação	Engenharia e gestão do conhecimento	28
	Propriedade intelectual e transferência de tecnologia para inovação	17
	Engenharia e ciências mecânicas	4
	Tecnologias da informação e comunicação	4
	Ciência da informação	4
	Agrociências	1
	Urbanismo, história e arquitetura da cidade	1
	Relações internacionais	1
	Métodos e gestão em avaliação	1
	Gestão do cuidado em enfermagem	1
	Serviço social	1
	Mestrado profissional em administração universitária	1
	Mestrado profissional em saúde mental e atenção psicossocial	1
Engenharia de produção	1	

Fonte: elaborado pelos autores (2019).

Ainda vale ressaltar que os 34 cursos estudados representaram oito dos 11 centros de ensino existentes na universidade. Ou seja, a universidade estudada foi quase que integralmente pela pesquisa. Aos centros que não retornaram disciplinas para esta pesquisa, atribui-se que eles não aplicavam a modalidade de educação empreendedora.



DISCUSSÃO

Observando os dados coletados, nota-se que a universidade analisada cumpre o proposto por Fernández-Nogueira et al. (2018), abordando assuntos acerca do empreendedorismo em diferentes áreas da educação e não apenas àqueles matriculados em escolas de negócios. Além do mais, isto aplica-se tanto a nível de graduação como o de pós-graduação, na universidade pesquisada. Assim, esta instituição prepara seus egressos para um ambiente competitivo e desafiador, típico de uma economia baseada no conhecimento (FERNÁNDEZ-NOGUEIRA et al., 2018).

Ainda se percebe que, na universidade estudada, os estudantes dos cursos de graduação em Administração e em Gestão da informação são mais propensos a se engajarem em atividades empreendedoras (GERGMANN et al., 2018). Isto porque eles despontam na quantidade de disciplinas voltadas à EE. Da mesma forma, se estende os achados de Gergmann et al. (2018) para os alunos de pós-graduação, os estudantes de EGC e PITTI são os com maior propensão de se envolverem em atividades empreendedoras. Isto se dá pelo mesmo motivo.

Também se infere que grande parte dos centros da universidade pesquisada têm algum curso relacionado ao empreendedorismo. Entretanto, não se pode deixar de reparar que os cursos dos centros relacionados as ciências biológicas físicas e matemáticas, assim como o centro de desportos não apresentaram nenhuma disciplina focada na educação empreendedora. A ausência dessas nos centros de ensino das ciências biológicas físicas e matemáticas pode ser devido ao fato de tais cursos objetivarem a formação de cientistas e professores, ao invés de possíveis empreendedores. Entretanto, argumenta-se que o empreendedorismo pode ser considerado uma competência necessária para aprender, trabalhar e viver numa sociedade do conhecimento independentemente da área de atuação (ANTONACI et al., 2015). Por conseguinte, como as atividades científicas e empreendedoras não são avessas, argumenta-se que elas poderiam coexistirem em um mesmo indivíduo ou grupo. Já a ausência das disciplinas voltada a EE no centro de desportos pode ser consequência do fato das oportunidades limitada à prática empreendedora na área.

Ademais, os centros com maior ocorrência de EE foram de cursos tecnológicos. Esse fato pode explicar a motivação de muitos desses egressos em abrir o próprio negócio (SILVA, 2008; SANTOS, 2015). Por outro lado, o fato da graduação em Administração oferecer o maior número de disciplinas de EE. Isso, além de ser superior a quantidade oferecida em



outras universidades (ARANTES; FERREIRA; ANDRADE, 2018), demonstra preocupação em formar administradores aptos a empreender.

A pesquisa em questão, subsidia a afirmação de que a universidade pesquisada cumpre, pelo menos, duas das cinco dimensões de uma universidade empreendedora (AUDY; FERREIRA, 2006). São elas, a promoção da cultura empreendedora integrada, comprometendo-se com o desenvolvimento de habilidades de atuação multidisciplinar e a valorização do comportamento empreendedor. E a motivação do perfil empreendedor no núcleo acadêmico, incentivando-os a assumirem riscos; serem altamente proativos e empreendedores; e, por fim, assumirem a necessidade de atualizar permanentemente e buscar novas soluções para os problemas que se apresentam mesmo em um ambiente hostil.

Em conclusão, este artigo reforça a afirmação de Vilcov e Dimitrescub (2015), que sinaliza a educação empreendedora como uma prática pertinente à formação dos indivíduos, independentemente da área escolhida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo objetivou identificar as disciplinas oferecidas por uma universidade do sul brasileiro no que diz respeito a educação empreendedora. Tais disciplinas são voltadas à promoção da cultura empreendedora na comunidade acadêmica de uma universidade empreendedora (BRASIL JÚNIOR, 2019b).

Assim, foram identificadas 101 disciplinas, presentes em 19,8% dos cursos de graduação e pós-graduação oferecidos na universidade pesquisada. Estes cursos estão distribuídos em nove dos 11 centros de ensino desta instituição. Dessa forma, este estudo corrobora com a afirmação de que esta instituição está na direção de se tornar uma universidade empreendedora.

Além disso, encontrou-se evidências que ancoram o porquê de os egressos da área de engenharia atuarem como empreendedores. Ainda, destaca-se o curso de Administração da instituição pesquisada, que apresenta um grande número de disciplinas ofertadas que se relacionam a EE, muito além das disciplinas ofertada em demais universidades já pesquisadas. (ARANTES; FERREIRA; ANDRADE, 2018).

Ainda, tais achados justificam as posições nos rankings conquistadas pela instituição em questão. Assim, uma vez que ela já busca promover a cultura empreendedora e incentivar



o perfil empreendedor em seu corpo discente, observa-se que ela cobre duas das cinco dimensões de uma universidade empreendedor (AUDY; FERREIRA, 2006). Dessa forma, salienta-se a universidade pesquisada como uma potencial futura universidade empreendedora.

Espera-se que tal pesquisa ajude a expor a importância da educação empreendedora nas universidades brasileiras, contribuindo na formação de capital humano apto a atuar na nova realidade mundial, do empreendedorismo.

Ademais, cita-se como limitação deste estudo o fato de estudar uma única universidade. Além disso, o estudo não considerou ambientes informais de ensino. Dessa forma, sugere-se como pesquisas futuras a realização deste estudo em outras universidades brasileiras, em diferentes estados. Ainda, recomenda-se a consideração de espaços informais de educação, uma vez que o aprendizado não se dá somente em ambientes formais de ensino.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. M.; VALADARES, J.; S., G. A contribuição do empreendedorismo para o crescimento econômico dos estados Brasileiros. **REGEPE-Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 6, n. 3, p. 466-494, 2017.

ANTONACI, Alessandra et al. A gamified collaborative course in entrepreneurship: Focus on objectives and tools. **Computers in Human Behavior**, v. 51, p. 1276-1283, 2015.

ARANTES, R. de C.; FERREIRA A. C.; ANDRADE D. M. Temáticas discutidas na disciplina de empreendedorismo nos cursos de administração: um panorama das instituições de ensino superior de Minas Gerais. **Revista da Micro e Pequena Empresa**, v. 12, n. 3 p. 44-64, 2018.

AUDY, J.; FERREIRA, G. C. Entrepreneurial University: A View From Pucrs. **Innovation And Entrepreneurialism in the University**, p. 412, 2006.

BARNARD, Art; PITTZ, Thomas; VANEVENHOVEN, Jeff. Entrepreneurship education in US community colleges: a review and analysis. **Journal of Small Business and Enterprise Development**, v. 26, n. 2, p. 190-208, 2019.



BAŞÇI, E. S.; ALKAN, R. M. Entrepreneurship education at universities: suggestion for a model using financial support. **Procedia-Social and Behavioral Sciences**, v. 195, p. 856-861, 2015.

BORGES JUNIOR, C. V.; ANDREASSI, T.; NASSIF, V. M. J. Editorial: - A Falta de Indicadores de Empreendedorismo no Brasil. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 6, n. 3, p. 1-9, 2017.

BRAMWELL, Allison; WOLFE, David A. Universities and regional economic development: The entrepreneurial University of Waterloo. **Research policy**, v. 37, n. 8, p. 1175-1187, 2008.

BRASIL JUNIOR. **Conheça a Brasil Junior**. Disponível em: <<https://brasiljunior.org.br/universidades-empreendedoras>>. Acesso em: 08 maio 2019a.

BRASIL JUNIOR. **Universidades Empreendedoras**. Disponível em: <<https://brasiljunior.org.br/universidades-empreendedoras>>. Acesso em: 08 maio 2019b.

ECKHARDT, J. T.; SHANE, S. A. Opportunities and entrepreneurship. **Journal of management**, v. 29, n. 3, p. 333-349, 2003.

ETZKOWITZ, H. The entrepreneurial university: vision and metrics. **Industry and Higher Education**, v. 30, n. 2, p. 83-97, 2016.

ETZKOWITZ, H. The evolution of the entrepreneurial university. **International Journal of Technology and Globalization**, 1, P. 64-77, 2004.

ETZKOWITZ, Henry. The European entrepreneurial university: an alternative to the US model. **Industry and higher Education**, v. 17, n. 5, p. 325-335, 2003a.

ETZKOWITZ, H. Research groups as 'quasifirms': the invention of the entrepreneurial university. **Research Policy**, n. 32, 2003b.

FERNÁNDEZ-NOGUEIRA, D. et al. The entrepreneurial university: a selection of good practices. **Journal of Entrepreneurship Education**, v. 21, n. 3, 2018.

FOLHA DE S.PAULO. **Ranking de universidades** [Site eletrônico]. 2017. Disponível em <<http://ruf.folha.uol.com.br/2017/ranking-de-universidades/>>. Acesso em 08 maio 2018.

FONTELLAS, Mauro José et al. Metodologia da pesquisa científica: diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa. **Revista paraense de medicina**, v. 23, n. 3, p. 1-8, 2009.



FORMICA, Piero. Entrepreneurial universities: the value of education in encouraging entrepreneurship. **Industry and Higher Education**, v. 16, n. 3, p. 167-175, 2002.

GEDIK, Ş.; MIMAN, M.; KESICI, M. S. Characteristics and attitudes of entrepreneurs towards entrepreneurship. **Procedia-Social and Behavioral Sciences**, v. 195, p. 1087-1096, 2015.

GIBB, A.; HANNON, P. Towards the entrepreneurial university. **International Journal of Entrepreneurship Education**, v. 4, n. 1, p. 73-110, 2006.

GONÇALVES, V.; CAMPOS, C.; Gestão de mudanças: o fator humano na liderança de projetos. Rio de Janeiro: Brasport, 2012.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDO E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Índice Geral de Cursos (IGC)** [Site eletrônico]. 2015. Disponível em <[http://portal.inep.gov.br/indice-geral-de-cursos-igc->](http://portal.inep.gov.br/indice-geral-de-cursos-igc-). Acesso em 08 maio 2018.

KURATKO, D. F. The Emergence of Entrepreneurship Education: Development, Trends, and Challenges. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 29, n. 5, p. 577-597, 2005.

LANDSTRÖM, H.; HARIRCHI, G. The social structure of entrepreneurship as a scientific field. **Research Policy**, v. 47, n. 3, p. 650-662, 2018.

SANTOS, Leila Rafaela da Costa et al. Perfil profissional dos egressos do curso de Engenharia Florestal da Universidade Federal de Sergipe (UFS). **Scientia Plena**, v. 11, n. 1, 2015.

SHANE, S.; VENKATARAMAN, S. The promise of entrepreneurship as a field of research. **Academy of management review**, v. 25, n. 1, p. 217-226, 2000.

SHIH, T.; HUANG, Y. A case study on technology entrepreneurship education at a Taiwanese research university. **Asia Pacific Management Review**, v. 22, n. 4, p. 202-211, 2017.

SILVA, E. M. Perfis de formação em engenharia elétrica: percepções dos empregadores, egressos, docentes e discentes da PUC-Rio e UERJ. 2008.

TAVARES, C. E. M.; MOURA, G. L.; ALVES, J. N. Educação empreendedora e a geração de novos negócios. **Observatorio de la Economía Latinoamericana**, n. 188, 2013.



VILCOV, Nicoleta; DIMITRESCU, Mihaela. Management of entrepreneurship education: A challenge for a performant educational system in Romania. **Procedia-Social and Behavioral Sciences**, v. 203, p. 173-179, 2015.

WAKKEE, Ingrid; VAN DER SIJDE; Peter; VAUPELL, Christiaan; GHUMAN, Karminder. The university's role in sustainable development: Activating entrepreneurial scholars as agents of change. **Technological Forecasting and Social Change**, v. 141, p. 195-205, 2019.

YIN, R. K. Case study research: design and methods. **Thousand Oaks: SAGE Publications**, 2002.